ENSINO E MÉTODO DA TEOLOGIA

*A Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, outrora sediada em São Leopoldo até 1981 e atualmente em Belo Horizonte, celebra 50 anos de atividades acadêmicas. Coube-lhe viver momentos fascinantes de transformações sociais, eclesiais e teológicas. Um olhar retrospectivo sobre esse lapso de meio século de vida certamente contribuirá para, ao refazer o itinerário passado, adquirir maior lucidez sobre o presente e esperanças em vista do futuro. A história continua sendo a *magistra vitae*, na expressão do orador romano.*

Dois grandes acontecimentos marcaram não só a orientação da produção teológica mas também caracterizaram as novas gerações de estudantes e professores: o Concílio Vaticano II e a Conferência episcopal latino-americana de Medellín com sua prolongação em Puebla.

Há um nítido antes e depois. Antes a Faculdade via-se às voltas com a teologia escolar. Trilhava uma via bem batida pelos séculos de Escolástica. Todo o cenário era muito conhecido. Não havia surpresas. O caminho seguro respondia a uma Igreja sem sobressaltos, a alunos tranqüilos, vindos de famílias cristãs e estáveis. A fé cristã e a cultura fundiam-se. A teologia estava sempre em casa. Era o pensar explicitado, sistematizado do vivido. As perguntas teológicas vinham de dentro da teologia e terminavam dentro dela para gáudio de seus conhecedores, sem repercussão para além do claustro austero da academia.

As ondas da modernidade foram, pouco a pouco, batendo contra as muralhas da Igreja, da teologia. O Concílio Vaticano II foi o momento em que a Igreja assumiu navegar por esses mares agitados. E a teologia, fragata ousada da Igreja, aventurou-se a enfrentar as vagas levantadas por tantos séculos de convulsão marítima.

O método teológico sofreu profunda modificação. Mudou o lugar da pergunta. Antes vinha de dentro das águas tranqüilas da teologia escolar. Agora o mundo científico e a subjetividade moderna questionam radicalmente uma compreensão da fé consensual, pedindo novos significados para mentes alheias à cultura cristã. Muitos nomes serviram para traduzir essa mudança. Secularização, dessacralização, desmoronamento da imagem pré-científica de mundo, adoção de procedimentos científicos, virada antropocêntrica, revolução hermenêutica, mentalidade histórica, crise de linguagem, passagem do anátema ao diálogo, desaparecimento da sociedade fechada, modernização, etc. Poderíamos aumentar a lista indefinidamente, tal foi a complexidade do momento sócio-cultural que se viveu nos anos em torno ao Concílio Vaticano II.

O Papa João XXIII, no discurso programático do Concílio, resumiu os novos rumos da Igreja e da teologia em duas palavras: ecumenismo e pastoral. Inaugurava-se assim o Concílio nessa perspectiva, deixando para trás "os profetas de desgraças, que anunciam acontecimentos sempre infaustos, como se estivesse iminente o fim do mundo" (João XXIII, Discurso programático de abertura do Concílio).

O termo "ecumenismo" queria dizer, antes de tudo, abertura aos nossos irmãos da Reforma, mas também, num sentido mais amplo, significava criar uma nova sensibilidade diante de todas as denominações cristãs, de outras religiões e das pessoas, mesmo sem fé, que comungam conosco valores humanos fundamentais. Encerra-se assim a teologia das controvérsias. Esta arrolava, logo após o enunciado das teses dogmáticas, a implacável lista dos adversários, que deveriam ser refutados no corpo da tese. Agora passa-se da definição rígida das próprias doutrinas para a comunhão em verdades comuns, do rigor ortodoxo da identidade para a compreensão alegre da alteridade. Busca-se, doravante, sem romper com a "fidelidade à doutrina autêntica", estudá-la e expô-la "por meio de formas de indagação e formulação literária do pensamento moderno", como dizia João XXIII no Discurso acima mencionado. "A Esposa de Cristo", continua o Papa, "prefere usar mais o remédio da misericórdia que o da severidade".

Com o termo "pastoral", o Papa pedia uma atitude nova de simpatia com "as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angús-

tias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem" (GS n. 1).

A teologia sofreu enorme revolução em seu método e no seu ensino. Teve de assumir, especialmente na exegese, os métodos crítico-históricos, lingüísticos, submetendo as "Letras sagradas" a análises e críticas que, não sem relutância, foram também novas clareiras na compreensão da Palavra de Deus. Esta tinha ficado congelada a uma letra intocada. Os dogmas e as verdades teológicas foram lentamente sendo reinterpretados sob o impacto das ciências hermenêuticas, sem abrir mão da própria originalidade e especificidade metodológica. Esta é sempre a atitude pré-teológica da experiência de fé e a construção lenta do *auditus fidei* em contato contínuo com a Tradição maior da Igreja. O *intellectus fidei* pode então alimentar-se de ajudas vindas da filosofia e de outras ciências, desde que não se perca a audição primeira da Palavra revelada, escrita e viva da fé da Igreja.

Ainda estávamos metidos nessa gigantesca tarefa de responder à pergunta fundamental, que K. Rahner tão simples mas genialmente formulara – como se pode honestamente crer sendo moderno? –, quando outra onda de questionamentos se levantou em nosso Continente. Na cidade de Medellín, em 1968, os bispos da América Latina anunciam uma nova era eclesial e teológica para o Continente, em termos vigorosos, cuja leitura ainda hoje nos impacta: "Não basta refletir, obter maior clareza e falar. É preciso agir. Esta não deixou de ser a hora da palavra, mas tornou-se, com dramática urgência, a hora da ação. É o momento de inventar com a imaginação criadora a ação a ser realizada e, sobretudo, levá-la a término com a audácia do espírito e o equilíbrio de Deus". E o discurso programático prossegue, apontando novos rumos e delineando opções urgentes. Daí nascem uma Igreja e teologia comprometidas com a libertação dos pobres.

A teologia latino-americana formula, de modo cortante, a questão básica: Como se pode ser cristão num Continente de tanta opressão e injustiça? A teologia pretende responder a essa indagação, abrindo novos caminhos. Envereda-se pela "hermenêutica da práxis". E os pobres foram o lugar privilegiado da pergunta e da resposta.

Como no livro de Jó, nem bem nos refizemos do susto teológico de elaborar um método consentâneo com as questões levantadas no mundo dos pobres, abate-se sobre nós uma terceira onda de interrogações. O Socialismo real desfaz-se como castelo de cartas. O neoliberalismo reina solitário, castigando ainda mais os pobres. Fragmentam-se as certezas. As verdades perdem peso. Vive-se na "imponderável leveza do ser".

Angustia-nos a pergunta: "Onde dormirão os pobres"? (G. Gutiérrez, cf. Ex. 22, 26). Eles hoje são desempregados, mais próximos da morte nas suas diversas formas, da cultural à física.

Nessa última década, abalaram-se ainda mais violentamente os alicerces da verdade, do conhecimento, da metodologia. A teologia vê-se às voltas com desafios culturais, vindos do campo da etnia, do gênero, da ecologia, do surto de sagrado. Até então, a teologia desenvolveu seu método no horizonte da modernidade, seja na forma europeia da hermenêutica do sentido, seja na forma latino-americana da práxis. Os alunos vinham também desse universo de preocupações, tocados tanto pela problemática existencial quanto pela inquietação social.

Agora entram nas salas de aula jovens, cujo arcabouço cultural não tem os elementos antigos da fé cristã. São filhos de uma cultura pós-cristã em que se desconhecem os dados simples da fé. No entanto, são extremamente religiosos, buscando um Sagrado, perdido não sabem onde. A teologia aparece-lhes antes como uma veste religiosa que um intellectus fidei.

A teologia se debate com um pluralismo sempre crescente de ciências, de epistemes, de saberes, de posições diferentes dentro do mesmo saber, alimentado pela consciência da relatividade de toda conquista humana, de todo conhecimento. O "efeito borboleta" – uma borboleta bate asas no Paquistão e meses depois desencadeia-se um furacão no Caribe –, afirmam cientistas sérios, já não nos permite ter nenhuma certeza científica. Entram em consideração elementos quase infinitos na configuração de um fenômeno que nossa inteligência não consegue equacioná-los. Daí estender a relativização às verdades da ética e da fé é pequeno passo.

Isso exige do teólogo uma nova sensibilidade interdisciplinar, destronando-o da cátedra segura de verdades formuladas uma vez para sempre. Interpretar constitui-se maneira normal de pensar, de exprimir-se. E na interpretação sempre novos fatores interferem numa rapidez de que a celeridade da informática é pálido demonstrativo.

Impõem-se à teologia a humildade, o diálogo com as diversas ciências, o sofrimento de ter menos certezas e mais aproximações. Precisamente nesse momento, ronda-lhe a tentação oposta de suprir a fragilidade das construções teóricas pelo autoritarismo. E, com espanto, vê-se ocupar os bancos da escola uma nova geração que padece na carne essa contradição e tentação. Também ela percebe a descartabilidade das teorias. Também ela é exposta à fácil solução de ir suprimindo a própria fragilidade teórica pelos sucessos fáceis e se-

dutores da emoção, como nos alerta João Paulo II na Fides et Ratio (n. 48) . Mas também o risco encaminha-se na direção não menos irracional da aparente segurança do autoritarismo clerical.

Por isso, o desafio está no método interno da teologia e na maneira de ensinar. Na sua formalidade está claro. É a fé buscando inteligência. Na sua execução, complica-se, porque a fé está ameaçada por todos os lados. A inteligência, sobretudo na sua expressão da racionalidade instrumental moderna, centrada no ser humano e no logos objetivo, analítico, expõe-se ao fogo cruzado duma pós-modernidade descrente da força e do valor dessa racionalidade. Pois, ela produziu tantos malefícios em termos humanos, construindo armas mortíferas, destruindo a natureza, rasgando tecidos sociais, que gerou profundo cepticismo a seu respeito. Como construir uma teologia com uma razão em tão baixa cotação? Tem-se mais medo que amor, mais desconfiança que esperança nessa razão moderna. Até os produtos tecnológicos mais maravilhosos deixam atrás de si um rastro de suspeita. Tantos bens não afogarão a nossa capacidade de abertura ao Transcendente? Não embotarão nossa sede de Deus? Não desfarão a sensibilidade para o sentido da vida?

E o aluno vive essa segunda onda da subjetividade. Não é a rebelia diante da Tradição. Não é descoberta da experiência como lugar de interpretação e de decisão. É a subjetividade cansada do social, do outro. É a subjetividade envelhecida no solipsismo egolátrico. Como construir uma teologia para ela? E a sensibilidade do sagrado, que poderia parecer um caminho de entrada para a teologia, tem outra natureza. É mais narcisista que teologal. É mais pagã que cristã. É mais emoção que racionalidade. É mais compensatória de carências muitas que sinal de "existencial sobrenatural" inquieto.

Diante desse panorama, a tarefa do ensino da teologia implica ir construindo com os estudantes uma nova subjetividade. Subjetividade que implica história e sociedade, subjetividade que articula gozo e compromisso, festa e práxis. E para falar a essa subjetividade a teologia necessita ir repensando seus conteúdos a partir de pontos fulcrais, concentrados, deixando de lado os pruridos de erudição, que ontem fizeram a festa da academia. O método teológico é seu conteúdo. E o seu conteúdo principal e inicial é o fato cristão. É aprofundar o binômio "eu creio" e "nós cremos". É partir do espanto gratuito de que, apesar de toda fragilidade da tradição religiosa presente e de dilaceramentos interiores, cremos. E crer significa estar numa comunidade de fé, fazer uma experiência de natureza espiritual, mística e militante. E de dentro dessa fé ir reestruturando uma subjetividade nova, nem em oposição à tradição, nem em conflito com o social, nem também ancorada no reacionarismo fundamentalista e autoritário, mas em movimento

dialético de síntese com o empenho histórico e social, ao lado dos pobres de sempre e daqueles que o neoliberalismo está a fabricar em abundância, especialmente nos países periféricos.

Depois de 50 anos, parece que nascemos ontem. Tudo a construir. Desde a subjetividade de quem se lança na aventura do estudo da teologia até o método de pensá-la na perspectiva de um novo paradigma de racionalidade e na perspectiva do alvorecer, quem sabe, de uma nova civilização que brota das cinzas desse gigantesco edifício iniciado lá nos albores pré-socráticos.